

O silêncio das imagens ou do início de uma (auto)biografia

Paulo Emílio Macedo Pinto

Performer. Poeta. Ator. Arteterapeuta. Arte-Educador. Psicólogo. Doutor em Educação Artística



Figura 1. Retrato 3x4 da primeira infância. Acervo particular.

Coisas que a gente se esquece de dizer

Frases que o vento vem as vezes me lembrar

Coisas que ficaram muito tempo por dizer

Na canção do vento não se cansam de voar...

(BORGES, 1972).

O lábio fino e cerrado da criança que não mais existe, por isso mesmo morta, denunciam os silêncios a que foi (im)posta. Os olhos castanhos esbugalhados eram seus escudos, moedas de troca com o exterior, com eles devorava o(s) mundo(s). As orelhas grandes guardavam todos os sons que conseguia captar. Os cabelos finos e lisos, cor de mel de engenho, eram no vento o esboço do desenho da liberdade que almejava alcançar. A camisa azul, marinho, com bolinhas brancas dava ideia dos mares escuros que atravessaria, e dos pontos de luz que inventaria para sobreviver.

Sim, morri pouco tempo depois de completar os cinco anos de idade. Morri numas férias escolares que tive, quando em visita a meus familiares. Morri quando adentrei por uma porta de madeira cinza envelhecida num celeiro cheio de palhas que ficava num quintal cercado de árvores, plenas de ciriguelas, cajás, cajaranas goiabas... onde pendurei por muito tempo quase todos os sonhos de minha primeira infância. Morri nesse celeiro quando fui violentado por um empregado da casa de uma tia.

Todas as crianças depois de brincarem, de se pendurarem nas árvores, de catarem e comerem as frutas, subiram a grande escada de degraus largos de acesso à cozinha da casa: irmãos, irmãs, primos e primas, colegas... Eu, o menor de todos, a presa mais fácil do bando, fiquei para trás. E fui convidado por aquela pessoa conhecida e de confiança de todos da família extensa, a desbravar um local mágico. Um espaço onde dormiam as galinhas, galos, patos e perus quando o sol se punha...

Do chão do celeiro escuro olhava para cima admirado para a luz que saía de um buraco do piso de madeira gasto da velha despensa da casa, que ficava ao lado da cozinha, onde minha tia amada preparava doces, queijos, bolos, refrescos, merendas fabulosas para alimentar e alegrar a todos nós. A partir desse dia minha vida seguiu sempre a procurar buracos de luz em meio às minhas próprias sombras e às que me cercavam.

O cheiro inebriante do doce de leite, especialidade de minha tia paterna, a ferver no fogão a lenha daquela casa antiga, misturava-se com o cheiro estranho de um líquido viscoso entre minhas pernas e nádegas, que eu não compreendia o que era, nem de onde vinha: - O que é isso? A voz adulta dizia: - É leite. Meu corpo e minha razão pequenos receberam a instrução de um silêncio forçado pelo

medo da revelação daquela “brincadeira diferente” a outras pessoas mais velhas, o que me transformou em refém dela por outras vezes.

Durante outros momentos, quando chegava à casa de minha tia, corria para sua velha despensa para ver se do buraco do chão do assoalho de madeira gasta era possível ver o que estava se passando comigo, como uma espécie de pedido de socorro, sem saber como dizer. Eu que já era uma criança calada, dediquei-me cada vez mais ao mundo da observação. Cerrado neste mundo de sobrevivências fui denominado tímido, calado, e interpretado com sonso (no Ceará, a típica criança que dá o bote e esconde a unha). Ninguéu insistiu em averiguar os motivos de meus silêncios. Não havia julgamentos em mim, só estranheza e medo.

Depois de tantos silêncios, passei a ser alvo da investida de outras pessoas mais próximas. Sim, alguns parentes também conseguiram transpassar a barreira dos meus silêncios, e invadiram meu corpo e razão frágeis. Em nossa casa a presença de pessoas (familiares e amigos) era constante. Algumas delas passavam períodos de tempos conosco, a estudar, em busca de trabalho e, assim, a morar. A criança calada, sonsa (aquela que dá o bote e esconde a unha) foi ganhando corpo entre as definições de alguns adultos mais próximos, como limitação por não conseguirem compreender meus silêncios... Mas outra criança de olhar astuto e ouvido aguçado foi se forjando, e encantada pelas imagens e sons transformava aquilo que os sentidos engoliam: mistérios raros que hoje na poesia vomito e na performance expando.

Antes de qualquer ação, o homem tem necessidade de dizer a si mesmo, no silêncio de seu ser, aquilo que ele quer se tornar; tem necessidade de provar e de cantar para si mesmo seu próprio dever. Tal é a função voluntária da poesia. A poesia voluntária deve, pois, ser posta em relação com a tenacidade e a coragem do ser silencioso (BACHELARD, 2001, p. 278).

Olho para essa fotografia acima e recordo-me de tantas outras onde mostro os lábios cerrados e os olhos arregalados, denunciando o período de tempo que fui submetido aos silêncios forçados. Olho para essa fotografia e evoco tantas crianças que vivem e/ou viveram o mesmo que

vivi, e/ou que não tiveram a mesma “sorte” que eu tive: de estar vivo para contar a sua própria história... história de imagens que engendram vidas e visões de mundo.

As imagens foram sempre o que me salvou, foram o que me fizeram chegar até aqui. As imagens e a afeição de minha família, inocente diante do que eu passei. São por elas minha maior motivação pessoal, profissional, investigativa e criativa.

Ao me descobrir artista compreendo que minha pesquisa criativa está calcada no terreno dessas imagens pessoais, na revelação de minha relação com elas: ora concretas, pertencentes aos álbuns de minha família; ora encarnações etéreas que deambulam em minhas memórias visuais costuradas por outros sentidos, desvelando conteúdos introspectivos; ora epifanias sociais sobre o processo criativo de alguns trabalhadores de imagens que eu tive a oportunidade de conhecer, e que cruzaram meu caminho; ora sobre minhas concepções e construções poéticas no chão do coletivo de criação Tuia de Artíficos, através da corporificação dessas imagens ancestrais em margens distintas de um mesmo oceano (Atlântico).

Nesse processo criativo descortino-me, mostrando minhas fragilidades, minhas (in)congruências e contradições. Essa é minha nudez: olhar para aquilo que meu olhar guardou para quem o vê, quem o lê. O cerne de minha investigação em arte é trazer este desnudamento pessoal, é mostrar uma anatomia fotográfica que se desfia na escrita sentimental memorialística, esboçando uma cartografia do sensível desenhada pela ação poética.

A construção de minha identidade artística é composta por uma colagem de registros imagéticos e escritos, um diário de bordo de um peregrino da vida, uma cartografia de sentidos a me guiar, tendo as heranças fotográficas familiares e as interseções da escrita poética como marcas primeiras de minha expressão. Eu encaro a investigação em arte como ponto de confronto com essa revelação, onde a própria escrita se relaciona com as imagens apresentadas e partilhadas com quem lê, vê, compactuando com a liberdade interpretativa de quem acolhe.

A interpretação de um texto (visual ou verbal) consiste, pois, em tornar o seu significado acessível a nós mesmos e aos outros, com a consciência de que se trata de uma

etapa intermédia, visto que o intérprete pode ser tanto porta-voz como tradutor de uma língua para outra (JOLY, 2002, p. 72).

Toda fotografia passa por lugares que ninguém vê. Percorrer os labirintos que marcaram minha formação pessoal/profissional é tracejar mapas de (auto)compreensão, desvendando questões sociais cobertas pela rigidez das imagens. Meus experimentos artísticos apresentam-se como conjuntos de retratos desfolhados, descritos como experiências de entrega pessoal e criativa, formando um caleidoscópio de sentidos. Narram sobre meus processos e descobertas interiores e exteriores. Para mim, a compreensão da imagem fotográfica pessoal tem mais amplitude que as definições acadêmicas sobre sua técnica, pois manifestam um trabalho subjetivo, uma forma de construir algo sobre si mesmo e sobre as realidades onde atuo.

A pesquisa autobiográfica exige um constante desnudar-se da memória, de sentimentos e emoções. E quando nos dispomos a realizá-la tendo como mote nossas próprias imagens e as imagens dos álbuns de nossa família torna-se um exercício de enfrentamento do espelho de vários tempos. Compor uma autobiografia é ativar a memória, e isso envolve razão, sensação, emoção e percepção. A imagem é uma grande agente disparadora destas qualidades mentais.

Olhando as fotografias pessoais também penso que as fotografias do acervo familiar, produzidas sem pretensão artística, podem servir de inspiração para experimentação poética; que a exploração (auto)biográfica imagética pode se configurar como ponto de partida para uma prática artística; que os exercícios performativos podem ajudar a compreender um pouco mais sobre os usos da fotografia.

Em Pessoa (2003) encontro a ousadia poética que melhor traduz o modo peculiar de perceber as metáforas oferecidas pelas imagens. Ele aponta um caminho metodológico cheio de luz em meio às sombras que retalham o olhar e os sentimentos, que ainda imperam em algumas escolas de artes.

O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que posua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as enten-

dem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo (PESSOA, 1986, p. 3).

Fiz das imagens parceiras de sobrevivência às adversidades da vida. Com elas aprendi dialogar. Com elas descobri os movimentos na inércia. Com elas desenvolvi um fabulário próprio carregado de histórias encantadoras e por vezes cruéis, mas sempre cativantes, pela necessidade de procurar e por vezes inventar novos buracos de luz na escuridão dos celeiros esquecidos em tempos/espacos (des)conhecidos. Com elas aprendi a construir uma realidade paralela que me fez tolerar as escolhas dos outros diante daquilo que eu ainda não podia escolher. Com elas fui encontrando pontos de fuga diante de imposições educacionais: familiares, escolares, acadêmicas, religiosas, sociais. Com as imagens consegui impulsionar-me para a finalização de muitos caminhos forçados ou tomados por necessidade. São elas que continuam a estimular-me a seguir adiante, traduzindo-me para o mundo.

O legado das imagens e dos sentidos foi quem garantiu o desenvolvimento de minha capacidade cognitiva, criativa, emocional, social e espiritual. Apre(e)nder as coisas só tinha sentido com as imagens, e na falta delas as letras, números e outras coisas mais se transformavam também nelas para alegria de meus olhos e imaginação.

Na escola as imagens prendiam minha atenção: quando o giz bailava no quadro-negro, que vez por outra se mostrava como verde; quando desenhos multiplicados surgiam como mágica nas atividades mimeografadas pelas professoras, com cheiro de álcool azulado; quando figuras coloridas eram coladas nas paredes da sala, (mal)copiadas das personagens das revistas em quadrinhos; quando cartazes ilustrativos se espalhavam pelos corredores, enfeitando o espaço; quando nos flanelógrafos se proliferavam avisos entre decorações diversas etc.

Em todo canto meu olhar encontrava um porto nas imagens. Eu me dispersava com a fala das professoras à procura de imagens em seus discursos, palavras, nas músicas que cantavam e perdia meus olhos nas celebrações festivas e cívicas organizadas no âmbito escolar, como se estivesse num mundo encantado.

Nos ambientes religiosos que frequentava eram também as imagens de fé que me chamavam atenção, bem mais que o culto, que a missa, que as rezas e cantos. Des-

cedente de uma família católica praticante, envolvida com os movimentos pastorais da igreja, não havia como fugir e negar essa tradição. Ir à igreja não era um grande sacrifício, porque além do sacramento havia a promessa da pipoca, do sorvete ou do docinho de leite com batata, banana ou goiaba, depois da missa na doçaria do Madailton, regado a uma refrescante água gelada servida num copo de alumínio escovado. A doçaria popular era um espaço singelo de sabo-



Figuras 2 e 3. Basílica Nossa Senhora das Dores e Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Imagens dos respectivos sites:

<http://turismoreligiosonordestino.com.br/site/?cat=9>

<http://wordpress1.brazil-travel.net/guia-turismo-viagem-sertao-ceara/>

res e sonhos que ficava no centro da cidade de Juazeiro do Norte (Ceará), e ainda hoje existe (na Rua Santa Luzia, 545).

Além das promessas do pós culto, havia a bênção e a graça dos desenhos nas casas de Deus daquela cidade. As igrejas, que eu achava lindas e diferentes umas das outras em sua arquitetura, reclamavam minha atenção. Adorava quando meus pais decidiam ir à missa do domingo em um templo diferente do anterior. Assim, era uma vez na de São



Figuras 4 e 5. Santuário Sagrado Coração de Jesus e Santuário São Francisco das Chagas. Imagens dos respectivos sites:

<http://lucianoaixaopelojuazeiro.blogspot.pt/2017/03/>

http://freiosmardasilva.blogspot.pt/2011/07/blog-post_29.html

Francisco, outra na do Sagrado Coração, outra no Perpétuo Socorro, outra na Senhora das Dores etc.

Cada templo tinha sua própria história, com ícones desenhados nas paredes, nos tetos, nas colunas, nos altares central e laterais. Aquelas imagens todas mereciam mais minha atenção que o próprio culto. As pessoas também prendiam muito meu olhar, suas expressões de fé e penitência, suas vestes e os modos de contemplar a Deus e seus santos de devoção.

Tudo servia de mote para minha percepção imagética da vida. Minha mente ia guardando o recorte daquelas imagens como num álbum de figurinhas ou fotografias. A memória imagética em mim foi se aguçando na alegria e na dor. Na alegria, por poder abarcar todas as visualidades possíveis daquilo que meus sentidos captavam nas dissemelhantes vivências infantis; e na dor, através da capacidade de guardar com precisão os retratos dos rostos dos

donos das mãos daqueles que me adulteraram, sem que eu pudesse me defender, sem que eu tivesse consciência plena daquela violência encravada de silêncios que ainda de todo não consigo esculpir.

Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. Essas por dinheiro nenhum. Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio (LISPECTOR, 1984, p. 92).

A saída de Juazeiro do Norte no início do ano de 1980, nos anos finais da ditadura militar no Brasil, amplificou em mim a percepção imagética. Nossa família precisou mudar-se para Fortaleza, capital do estado do Ceará, por motivos políticos, econômicos e sociais. Ao saber da necessidade da mudança, eu com sete anos de idade busquei guardar no olhar tudo o que poderia levar para a outra cidade como lembrança quase concreta. Era um desejo que aquelas imagens, cidade, pessoas não mais saíssem de mim. Meu mundo isolado, no meio de uma grande família, carecia de registros afetivos para alimentar sua significação.

Ainda hoje lembro-me de minha sala de aula; da disposição das cadeiras; dos coleguinhos sentados nelas; dos meus melhores amiguinhos Galba, Rômulo, Vicente perdidos na poeira do tempo; da professora Fátima e seus cabelos longos e negros, de sorriso largo com furinhos nas bochechas. Era a alfabetização, o ano em que aprendi a ler e escrever, aprendizados que reforçaram minha aptidão para o desenho e mais ainda pela apreciação das imagens.

Aquela viagem configurava para mim como uma ação de liberdade movida pelas sincronicidades do universo, que de repente resolveu escutar meus silêncios. Aquela viagem era uma nova possibilidade de ressignificar as imagens de meus álbuns perceptivos, sensitivos, emocionais e porque não dizer cognitivos. Aquela viagem representou a ativação dos processos criativos de uma vida ainda tão curta, mas cheia de vivências valentes. Eu pequeno já compreendia tudo o que uma viagem poderia proporcionar. Era a própria experiência de liberdade.

Ser livre significa compreender, no sentido mais lúcido e amplo que a palavra pode ter. Significa um entendimento de si, uma

aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e a mais profunda interiorização a que o indivíduo possa chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço na vida. Assim, a criação é um perene desdobramento e uma perene reestruturação. É uma intensificação da vida. Não haveria como compreender de outro modo o curso de crescimento nos grandes artistas. Sua capacidade de se tornar mais amplos e todavia mais simples ao mesmo tempo. Não se trata nesse 'mais simples' de uma simplicidade no sentido de uma redução ou eliminação. Trata-se de um adensamento, onde nada fica perdido e tudo é reelaborado com mais coerência e maior multiplicidade (OSTROWER, 1997, p.164).

Referências bibliográficas

- BORGES, Lô. O trem azul. Clube da Esquina. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1972. Suporte LP.
- BACHELARD, Gaston. O ar e os sonhos. Ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus Editora, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.